

POLÍTICA

ACM reage e ataca união de governadores contra o PFL

A iniciativa de um grupo de governadores de formar uma espécie de "tropa de choque" do presidente Fernando Henrique para proteger o governo contra o PFL foi duramente criticada ontem pelo senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA).

A criação da frente foi anunciada pelo governador Marcello Alencar (PSDB-RJ) após almoço com o presidente terça-feira, no Palácio da Alvorada, como forma de evitar que Fernando Henrique "fique refém" das forças aliadas.

A idéia teve o endosso dos outros presentes: o peemedebista Antônio Britto (RS) e os tucanos Tasso Jereissati (CE), Mário Covas (SP) e Eduardo Azeredo (MG).

Rio — No caso de Marcello Alencar, o senador sugeriu que, em vez de defender o presidente, ele deveria defender a população do Rio contra seqüestros, assaltos e todo o tipo de violência.

"Esse mesmo rigor ele deveria aplicar em relação à população do Rio porque ninguém também deve ser refém de seqüestrador", ironiza Antônio Carlos.

"Depois de um ano de governo, com as reformas sendo encaminhadas e aprovadas pelo PFL no Congresso, é que essa gente surge. Por que não usaram seus supostos prestígios para trabalhar pelo governo no Congresso, deixando tudo nas mãos do PFL?", pergunta.

Britto — Antônio Carlos disse ter estranhado também a posição do governador Antônio Britto, "que sempre saiu dos palácios do Planalto e da Alvorada dizendo e defendendo o inverso do que disse ao presidente".

"Mas o governador Britto pode confiar que sou discreto. Jamais revelarei confidências ouvidas a seu respeito. Não revelarei conversas do presidente da República para que ele não tenha de mim o mesmo conceito que tem de certos governadores", disse o senador.

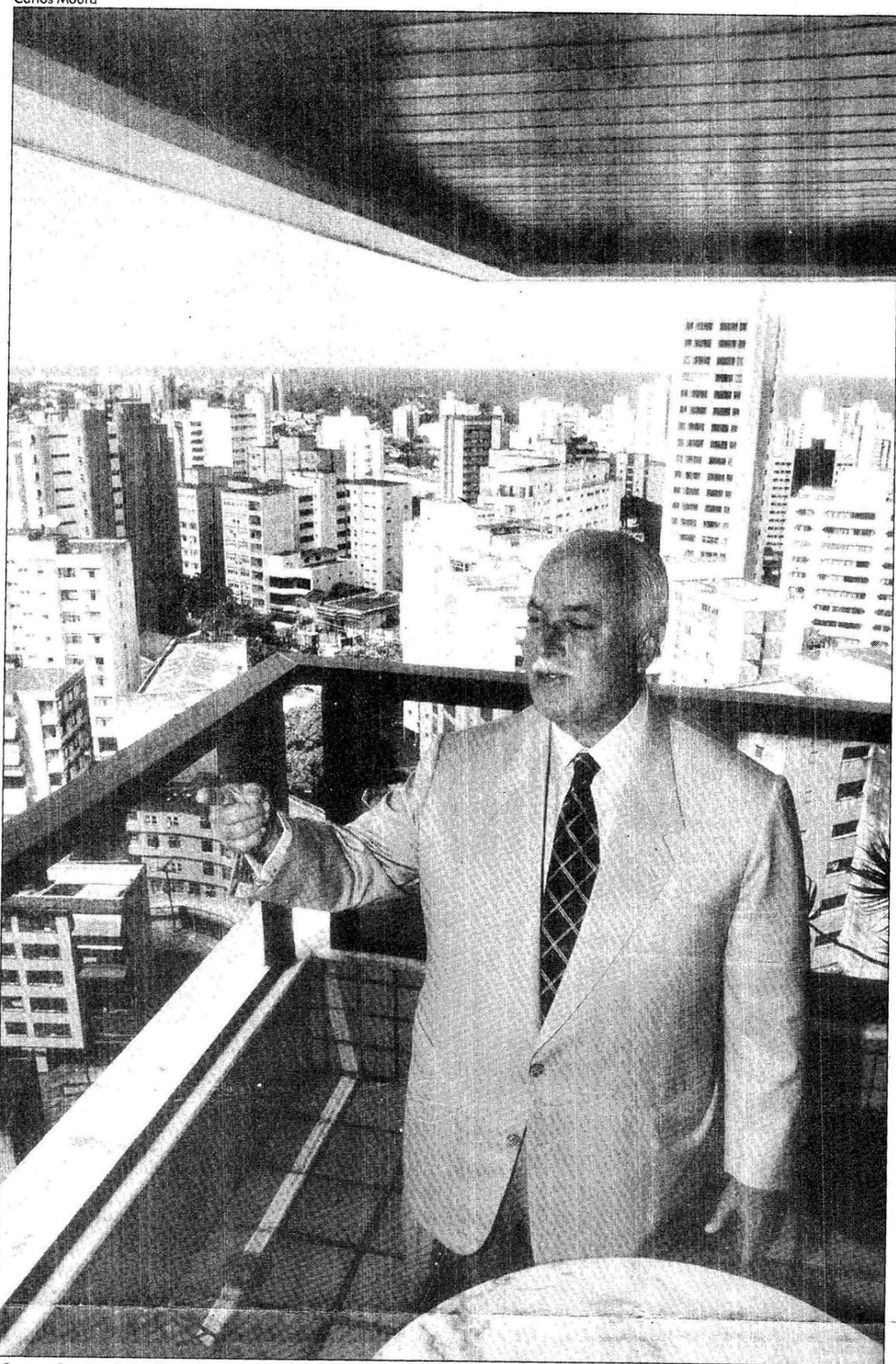
Antônio Carlos Magalhães só poupou os governadores Mário Covas e Tasso Jereissati.

Mesmo assim, alfinetou o governador do Ceará que tenta fazer negociações com o ex-banqueiro Ângelo Calmon de Sá para a compra de empresas de sua propriedade.

"Não falo de Tasso porque, além de ser meu amigo, está no momento investindo na Bahia". E desdenhou o governador Eduardo Azeredo: "Vamos esquecê-lo".

Com relação à visita de Fernando Henrique a Salvador, o senador disse esperar que seja um indício de que o governo federal vai resolver alguns dos "problemas pendentes" da Bahia. O principal deles, na visão do senador, é o do banco Econômico.

Carlos Moura



O senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) preferiu ficar em casa a receber o presidente Fernando Henrique

Senador não vai receber Fernando Henrique

Wanderlei Pozzembom 14.08.95



Fernando Henrique, dona Ruth e netos deixam o Palácio da Alvorada para uma visita de três dias a Salvador

Salvador — Sem a presença do senador Antônio Carlos Magalhães (PFL) e com um forte esquema de segurança o presidente Fernando Henrique Cardoso desembarcou ontem, às 13h30, na Base Aérea de Salvador, para uma estada de três dias na capital baiana.

O comitê de recepção foi um sinal de que as relações do governo com o PFL ainda estão tensas.

Apenas o presidente da Câmara dos Deputados, Luís Eduardo Magalhães, o governador Paulo Souto e o deputado Aroldo Cedraz foram à Base Aérea receber Fernando Henrique, a mulher, Ruth, a filha Beatriz e os netos Pedro e Júlia. Mesmo com a presença de Luís Eduardo, o clima era de muita frieza.

Já o PSDB baiano, que na campanha presidencial rompeu com Fernando Henrique por causa da aliança com o PFL e apoiou o candidato do PT Luís Inácio Lula da Silva, compareceu em peso.

Comitiva — Além da prefeita Lídice da Mata, estiveram presentes os deputados federais Roberto Santos, Domingos Leonelli, João Leão, Nestor Duarte (PMDB) e vários estaduais, todos adversários do grupo político de Antônio Carlos.

O presidente e comitiva permaneceram 20 minutos na Base Aérea, onde lancharam biscoitos com refrigerantes e água de coco.

Num rápido bate-papo com os políticos, Fernando Henrique ouviu queixas da prefeita Lídice da Mata sobre a

situação financeira da prefeitura de Salvador, que não tem dinheiro para pagar o 13º do funcionalismo.

O presidente respondeu que o governo da Bahia está com dinheiro, constringendo o governador Paulo Souto, que saiu da roda de conversa discretamente.

Cobrança — Lídice informou ao presidente que não conseguia falar com os ministros da Fazenda, Pedro Malan, e do Planejamento, José Serra.

Ela está tentando rolar a dívida do município para obter empréstimo do governo federal para pagar o 13º.

A prefeita deixou a Base Aérea otimista. Acredita que o presidente a ajudará no processo de renegociação da dívida do município.

Depois, o presidente seguiu em um helicóptero da Aeronáutica até a Base Aérea de Aratu, situada na Praia de Inema, na Baía de Todos os Santos. O voo durou cerca de dez minutos.

Por volta das 16h30, o presidente deixou a casa da Marinha onde está hospedado e foi à praia com a filha e os netos. Passou meia hora tomando sol e banho de mar.

A Marinha proibiu que embarcações circulassem pelas imediações da Praia de Inema enquanto o presidente e a família permanecerem no local. A assessoria do governo não divulgou qualquer programação do presidente em Salvador.